DEMOCRATIZAÇÃO DA BELEZA: DIMINUINDO DIFERENÇAS OU AUMENTANDO AS DISTÂNCIAS ENTRE CLASSES SOCIAIS?

Priscila Barbosa **Brunelli**, UENF, CAPES, pribrunelli@hotmail.com
Shirlena Campos de Souza **Amaral**, UENF, shirlenacsa@gmail.com
Sheila Campos de **Souza,** UENF, sheilacamposdesouza@bol.com.br

Resumo: Botox, Preenchimento, Colágeno, Lasers, são inúmeras as possibilidades de "comprar" beleza desde o século XX. No entanto, essas práticas que deveriam trazer uma certa democratização social do embelezamento, estariam de certa forma proporcionando um maior índice de complicações e distanciamento de classes, uma vez que nem todos possuem acesso a bens, produtos de qualidade e profissionais capacitados, ocorrendo em arrependimentos, insatisfações e processos judiciais nos insucessos; assim como, aumentando a satisfação e autoestima nos casos bem sucedidos. Nesse sentido, o presente trabalho pretende refletir se a disponibilidade de embelezamento para distintas classes sociais, teria como consequência uma menor diferenciação entre elas ou se não estaria contribuindo para um maior distanciamento dessa hierarquia. Para tanto, utiliza-se de resgate bibliográfico principalmente a luz de Vigarello, que situa historicamente a beleza a partir do século XVI, distribuindo-a como revelada, expressiva, experimentada e desejada até século XIX, indagando ser democratizada no século XX. Assim, espera-se evidenciar e alertar sobre essa problemática posta na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Beleza, Democratização, Hierarquia Social.

INTRODUÇÃO

Por volta do século XVI e XVII, utilizar de práticas de embelezamento com o intuito de "apagar" defeitos e adquirir beleza (mediante maquiagens, espartilhos), ato corriqueiro da época, era alvo de críticas da sociedade moralista que entendia como "enganação" ao homem defensor de uma "verdadeira beleza natural" (VIGARELLO, 2006).

No início do século XX, já se notavam mudanças sobre à beleza feminina, que, com a industrialização, aumento das cidades e ambientes de lazer, viram seus corpos mais expostos e necessitando de mais investimento, uma vez que tornaram-se alvos de atenção.

Nesse momento, a maquiagem antes criticada pela artificialidade aparente no rosto, se incorporou aos rituais de tratamento e se associou ao embelezamento da pele.

Segundo Lipovetsky (2000, p.130), foi a partir do século XX que "produtos e práticas de embelezamento deixaram de ser um privilégio de classe. Se há sentido em falar de uma era democrática da beleza, é antes de tudo pela difusão dos cuidados estéticos em todas as camadas sociais".

A diversificação de produtos, fabricantes, fornecedores e concentrações de ativos, interferindo com isso diretamente no preço, tornou o ato de embelezar-se não mais prática de luxo, mas sim acessível a todas as mulheres de diferentes segmentos sociais. Seria esse o início de uma democratização da beleza?

DISCUSSÃO

Ao longo dos anos, os padrões culturais, históricos e estéticos têm ditado as regras dos modelos tido como ideais, e os estigmas acabam guiando esses padrões. Conforme Goffman, (1998), o estigma se revela enquanto sinal ou marca que alguém possui, que recebe um significado depreciativo, ou seja, um atributo profundamente negativo. Existe, aqui, uma associação entre o que é atribuído e o que é estereotipado, que se estabelece na relação social, de modo que um traço específico do indivíduo se impõe nessa relação, assim, afastando os outros e impossibilitando que dirijam sua atenção para os demais atributos.

Não se encaixar aos padrões estabelecidos leva a discriminações presentes no cotidiano, sob distintas formas, dentre as quais muitas não se revelam facilmente, por virem associadas a mecanismos sutis de rejeição. Nessa relação estabelecida, a partir de atributos depreciativos, tem-se o sofrimento pela não correspondência ao belo, que reflete nas desigualdades de oportunidades, discriminação em entrevistas de emprego, fazendo com que o indivíduo acabe por modificar-se para ser aceito e se adequar ao lugar do não excluído, recorrendo à cirurgias estéticas, cortes e pinturas dos cabelos, retiram piercings e tatuagens, utilizam roupas mais formais, em prol da boa imagem, e da busca de oportunidades.

O sociólogo francês Lipovetsky tentou explicar em entrevista ao jornal La Repubblica em 2012, como essa possível democratização assinalada no século XX, teria trazido mais "confusão" que padrão:

> No Renascimento, a beleza do rosto feminino respondia a cânones muito rígidos, e hoje certamente não. Na corte do rei, o luxo tinha que responder a critérios precisos: não havia dúvidas sobre o que era belo e o que era feio, o que era bom e o que era mau. Mas agora quem detém uma autoridade capaz de estabelecer regras reconhecidas por todos? Existem no máximo muitas, diversas autoridades capazes de influenciar grandes segmentos do gosto: jornais, estrelas, cantores, televisões, marcas. Tomemos a moda: até **Dior** ou **Coco Chanel**, sabíamos como devíamos nos vestir. Agora não. E é uma mudança que ocorreu em apenas 60 anos de história, que produziu, ao mesmo tempo, mais liberdade e mais confusão (LIPOVETSKY, JORNAL LA REPUBBLICA, 11-07-2012).

Tanta liberdade tem trazido casos de mortes por complicações de tratamentos mal conduzidos, com o intuito de embelezar.

A mídia, a todo momento, apresenta novas necessidades e nos tratamentos "surgem" como a solução de questões e insatisfações pessoais:

> O que era suficiente em décadas passadas deixou de sê-lo, confirmando que a história do embelezamento feminino é constituída de novas exigências, tanto quanto de novas preocupações antes inexistentes. (SANT'ANNA, 2005, p. 130).

E a cada dia temos visto novas complicações por "inovações" em tratamentos e procedimentos que se julgam necessários, ainda sem as devidas comprovações científicas e liberações dos órgãos reguladores de saúde pública.

Assim, o crescimento da disposição de técnicas para fazer-se bela não aconteceria exatamente no sentido de democratização da beleza para todas as classes, mas sim confirmaria as distâncias e hierarquias sociais, uma vez que nessa imensidão de ofertas de produtos, voltam-se as segregações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, estabelecida a democratização, todos teriam igualmente acesso aos meios de ficar belo? Quem paga pela necessidade de se enquadrar aos padrões estabelecidos como ideais? Todos pagam. A classe alta, paga pelo alto custo dos produtos bem estudados, dos profissionais bem capacitados, das técnicas menos arriscadas com resultados naturais e saem das clínicas médicas com autoestima elevada e a beleza realçada. As classes menos favorecidas, inseridas na outra ponta da estrutura social, pagam o que podem, por produtos muito diluídos, com resultados duvidosos; quando não pagam por produtos ilegais, técnicas não liberadas, apresentando resultados inestéticos, com reações indesejadas, complicações graves, pagando a conta muitas vezes à vista, com a própria vida.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998

LYPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Trad. Maria Lucia Machado. Companhia das Letras, São Paulo, 2000; p.339.
. Gilles Lipovetsky. **O fantasma da beleza feminina**. Jornal La Repubblica, 2012

VIGARELLO, G. **Panóplias corretoras: balizas para uma história**. In: Sant'anna, D. B. (Org.). Políticas do corpo. Estação Liberdade, São Paulo, 1995; p. 21-38;
. **A história e os modelos do corpo**. Pró-posições, Campinas, maio/ago. 2003; v. 14; n. 2 (41), p. 21-29.
. **Corregir el cuerpo: historia de un poder pedagógico**. Nueva Visión, Buenos Aires, 2005; 252 p.
. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. Trad. Léo Schlafman. Ediouro, Rio de Janeiro, 2006.

SANT'ANNA, D. B. **Cuidados de si e embelezamento feminino**. In:(Org.). Políticas do corpo. Estação Liberdade, São Paulo, 1995; p. 121-139.

Contato:
Priscila Barbosa Brunelli
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)
pribrunelli@hotmail.com